

Direitos de Sangue

A Casa das Comarré: Livro 1

Kristen Painter

Blood Rights

Traduzido do inglês por
Elsa T. S. Vieira

ASA

PRÓLOGO

Corvinestri, Roménia, 2067

O criado tremeu em frente da grande lareira que nunca fora acesa e nunca seria.

— A rapariga... a rapariga está, bom, parece... quer dizer, não conseguimos... — Mordeu o lábio.

Os ponteiros do relógio dourado em cima da lareira moviam-se em direção ao nascer do dia. Tatiana bocejou e agitou a mão no ar.

— Continua.

Ele retorceu as mãos, cruzando os dedos.

— Não conseguimos encontrar a comarré, senhora.

As veias de Tatiana gelaram e ficou paralisada ao ouvir falar na puta de sangue. — Como assim, não a conseguem encontrar?

— Revistámos o solar de Lorde Algernon e ela não estava lá.

Tatiana e Lorde Ivan tinham descoberto o corpo de Algernon nessa mesma noite, algo que era bastante invulgar quando um vampiro morria. Cinzas sim, corpos não.

— Há quanto tempo achas que ele está morto? Não mais do que algumas horas, com certeza.

O criado fechou as mãos caídas ao lado do corpo. — Pensamos que há dois dias, talvez três. Acreditamos que terá acontecido logo a seguir ao Baile do Século, senhora. Talvez nessa noite ou na manhã seguinte. Não temos forma de saber com exatidão.

Uma pontada de dor quente aqueceu-lhe as palmas das mãos. Olhou para os pequenos semicírculos de sangue deixados pelas suas unhas e viu-os desaparecer enquanto se esforçava para relaxar na cadeira de veludo. A morte de Algernon significava que a posição de Anciã podia ser dela, mas, para se revelar digna do título, teria de trazer esta fedelha

perante a justiça. A rapariga *seria* encontrada. Mesmo com um avanço de três dias, até onde conseguiria ir, sozinha e sem proteção? Era uma simples comarré, criada apenas pelo seu sangue e competências sociais, pouco mais do que o equivalente a uma gueixa no mundo dos vampiros. A rapariga não sabia nada sobre o mundo dos kine, tal como os humanos não sabiam nada sobre este. Seria fácil encontrá-la entre os kine. Como uma pedra preciosa a brilhar numa poça de lama.

— Procurem de novo. Procurem também nos terrenos.

— Sim, senhora.

— Já. Sai. — Tatiana apoiou a cabeça na mão. Com a morte de Algernon, o conselho não teria outra alternativa a não ser nomeá-la Anciã. O seu reinado seria muito diferente do daquele velho idiota. Começaria por trazer aquela rapariga imbecil perante o conselho. Faria dela um exemplo para as outras comarré. Uma alegria perversa elevou o estado de espírito de Tatiana. Quando fosse nomeada Anciã, o solar de Algernon seria seu, bem como todas as suas propriedades. Não que estivesse particularmente interessada nas suas bugigangas e tesouros, à exceção de um, aquele que ela e Lorde Ivan tinham mandado procurar depois de descobrirem o corpo de Algernon.

Por fim, as peças começavam a encaixar. Todo o seu trabalho, a sua meticulosa atenção aos detalhes, o incessante estudo das profecias, os sacrifícios pessoais... finalmente, vestiria o manto do poder que andava a tecer há tantos anos.

A mácula do seu passado, os anos humanos passados em pobreza e sordidez, essas feridas só podiam sarar com a proteção de um grande poder. Os fantasmas daqueles que a tinham usado, tratado como lixo, estes fantasmas ainda a assombravam, tão espectrais como os amores perdidos da sua vida humana. O poder podia exorcizá-los, de uma vez por todas. Tinha de acreditar nisso, ou ficaria ainda mais louca. Os seus dedos tocaram no medalhão que trazia ao pescoço.

O cheiro a kine não se dissipara. Ergueu os olhos para o criado e baixou a mão.

— Porque é que ainda estás aqui?

Ele deslocou o peso de um pé para o outro. Manteve os olhos no chão.

— Há mais uma coisa, senhora.

Tatiana suspirou, com a paciência a esgotar-se.

— O quê?

— Parece que ela levou alguns dos bens de Lorde Algernon.

Tatiana tamborilou com as unhas no braço entalhado da poltrona, ferindo a madeira antiga.

— Que bens?

— Tanto quanto conseguimos perceber, algumas joias, moedas de ouro...

— Insignificante. Agora vai, procurem-na de novo. — Por fim podia voltar para junto de Mikkel na cama, onde ele já lhe arrefecera sem dúvida os lençóis. De todos os amantes que tivera desde a transformação, ele era o que durava há mais tempo. Talvez por causa da sua exuberância juvenil.

O servo ficou onde estava. O medo emanava dele em vagas deliciosas. O estômago de Tatiana roncou e ele deu um salto.

— Que mais? — Mortal enfadonho. Os kine só serviam realmente para uma coisa, e apenas uma.

O criado estremeceu.

— O anel que me pediu para procurar... Não estava no corpo de Algernon nem em lugar nenhum da casa. Penso que a rapariga o levou.

Maldição. O anel do sofrimento, perdido. A madeira estilhaçou-se sob a mão de Tatiana. Aquele velho estúpido devia ter mostrado o anel à rapariga. Provavelmente vangloriara-se dele. Algernon merecera ficar sem cabeça. Infelizmente, a rapariga antecipara-se a Tatiana. Pressionou a ponta da língua contra a ponta afiada de uma presa até ter a boca cheia de sangue. Com a dor, veio a iluminação.

— Quantos procuraram contigo?

— Doze.

Testou-o.

— E os outros também sabem que o anel desapareceu?

— Não, senhora. — Franziu a testa numa expressão preocupada.

— Não disse a ninguém, tal como me ordenou.

Ela sorriu.

— Fizeste bem.

Ele relaxou e devolveu o sorriso, com alguma hesitação.

— Obrigado, senhora.

Com um movimento rápido como um relâmpago, ela estava ao lado dele, com os dedos entre os seus caracóis negros. Puxou-lhe a cabeça para trás, expondo a garganta. A veia no pescoço do homem estremecia como um pardal ferido, o seu coração batia de forma desvairada. Delicioso.

— Senhora? — Ele empalideceu, sob a pele que mostrava um vestígio arrogante de bronzeado. Pensaria que a sua capacidade de enfrentar a luz do dia era algo a exhibir em frente dela?

O tremor da sua voz era como uma carícia na pele de Tatiana. O relógio bateu as seis horas da manhã. Era quase dia, mas tinha trabalho a fazer. Pontas soltas para atar. Uma vida de planeamento para proteger. Os nothos tinham de ser enviados imediatamente atrás da rapariga. As criaturas monstruosas gostavam de uma boa caçada de vez em quando, especialmente quando eram os seus meios-irmãos vampiros que os mandavam.

— Tens a certeza de que mais ninguém sabe que o anel desapareceu?

— Sim, senhora. Juro pela minha vida. — De facto, ele tresandava a verdade.

— Tem graça que fales nisso. — Passou o dedo pelo pescoço do servo. — Já que estou prestes a ficar com ela.

Com um rugido violento, as suas feições humanas desapareceram quando os ossos do rosto se deslocaram e as presas se distenderam ao máximo. Cravou-as na garganta do criado, enquanto os gritos dele lhe enchiam os ouvidos como música de câmara e o seu sangue desaparecia pela sua garganta, juntamente com o segredo do anel desaparecido.

Largou o corpo inerte sobre o tapete turco feito à mão, lambeu uma gota de sangue do canto da boca e dirigiu-se ao escritório. Deixaria um bilhete para Octavian, o chefe do pessoal doméstico, a pedir-lhe que remunerasse a família do kine morto, mas o preço valera a pena. Matar suavizava as memórias dolorosas do seu passado e daquilo que lhe fora roubado. Dava-lhe forças para enfrentar a quantidade imensa de trabalho que tinha pela frente.

Parou à porta e olhou para a forma sem vida que estragava a perfeição da sua sala de estar. Trabalhara tanto para chegar onde chegara, sacrificara tanto, que detestava ver fosse o que fosse a desfigurar o seu

lar. Olhou para o kine morto e abanou a cabeça. Teria ela sido assim tão vulnerável, quando era humana? Não. As ruas tinham-lhe roubado a suavidade e inocência ainda antes de perder os dentes de leite. Os humanos eram assim, viravam-se uns contra os outros, identificavam os mais fracos, usavam-se mutuamente em benefício próprio. Mereciam o que tinham às mãos dos vampiros.

Seria a comarré assim tão vulnerável? Provavelmente. Eram poucas as probabilidades de aquela criaturinha mimada compreender o que possuía, com aquele anel. Nem mesmo Algernon o compreendera por completo, antes da explicação de Lorde Ivan. Como é que uma comarré saberia que tinha em seu poder a chave para uma profecia capaz de mudar o mundo? Não passava de uma puta de sangue. Um objeto, em nada diferente do anel que roubara.

Tatiana abriu um sorriso sinistro. Bom, isso não era bem verdade. O anel tinha futuro.

CAPÍTULO UM

Paradise City, Nova Florida, 2067

A renda barata e as costuras industriais apertavam o corpo de Chrysabelle, por baixo do peso do desconfortável casaco de brocado que completava o seu disfarce. O seu treino impediu-a de mexer na etiqueta da camisa que lhe mordía a pele. Estudou as pessoas que a rodeavam. Era curioso perceber como os kine viam o mundo dela. Não, *este* é que era o mundo dela, não aquele que deixara para trás. E tinha de parar de pensar nos humanos como kine. Ela era agora um deles. Livre. Independente. Ninguém era dono dela.

Forçou um sorriso fraco enquanto o ritmo eletrónico pesado da discoteca fazia ricochete nos seus ossos. As luzes piscavam e rodavam, criando sombras e ângulos que não favoreciam em nada os rostos à sua volta. Encolheu-se quando alguns corpos colidiram consigo no meio da multidão. Nada nos seus anos de treino a preparara para estar imersa num mar de mortais. Reconhecia o seu cheiro quente e seco, o mesmo dos criados humanos que o seu patrono e outros nobres tinham, mas ia demorar algum tempo a acostumar-se ao seu barulho e comportamento turbulento. Talvez os humanos vivessem com tanta exuberância por possuírem tão pouco tempo de vida.

Era algo que estava a começar a compreender.

Decorara os nomes escritos no pedaço de papel que tinha no bolso, mas tirou-o e leu-os de novo. *Jonas Sweets* e, por baixo, *Nyssa*, ambos escritos com a caligrafia floreada da tia. Bastava ver as palavras manuscritas para a acalmar um pouco. Dobrou o papel e guardou-o. Se a tia Maris dizia que este Jonas podia pô-la em contacto com alguém que a ajudaria, Chrysabelle tinha de confiar nele, embora a ideia de confiar num kine — não, num humano — parecesse insustentável.

Abriu caminho até ao bar, sem conseguir evitar o contacto físico mas contente com a pouca atenção que atraía. A base que Maris lhe colocara nas mãos, rosto e pescoço, a única pele que as roupas deixavam visível, cobria perfeitamente os seus *signum*. O sem-número de marcas douradas que ostentava já não a identificava como um objeto que podia ser possuído. Era agora dona de si própria e passava facilmente por humana.

Esta proeza dividia-a. Embora parte dela estivesse encantada por estar livre das sufocantes regras de decoro que dominavam todos os seus gestos, e se regozijasse por já não ser uma mera propriedade, outra parte sentia-se completamente despreparada para esta existência. Não havia como negar que a vida no solar de Algernon fora protegida e privilegiada.

Chegava de lamentações. Não tinha tempo para isso e não havia maneira de voltar atrás, mesmo que pudesse. E não podia. Não porque a tia Maris não tivesse cuidado sempre dela e não o continuasse a fazer, se Chrysabelle conseguisse resolver este pequeno problema. Encontrou um espaço entre dois corpos e esperou que o empregado do bar lhe desse atenção.

Ele acenou-lhe.

— O que vai ser?

Ela empurrou uma nota de cinquenta sobre o balcão, como Maris lhe dissera que fizesse.

— Preciso de encontrar Jonas Sweets.

Ele aceitou a nota e sorriu, mostrando caninos artificialmente aguçados. Ridículo.

— Não o vejo há uns dias, mas há de acabar por aparecer.

Não era suficiente. Deu-lhe outra nota.

— A que horas é que ele costuma aparecer?

O empregado tirou os copos vazios de cima do balcão, agarrou no dinheiro e inclinou-se para a frente.

— Meia-noite. Às vezes mais cedo. Outras vezes mais tarde.

Era quase uma da manhã.

— E a assistente dele, Nyssa? A rapariga muda?

— Não vem sem ele. — Tocou no balcão com os dedos húmidos.
— Posso transmitir um recado seu ao Jonas, se ele aparecer. Como se chama?

Ela abanou a cabeça. Nada de nomes. Nada de pistas. Nada de rasto. O empregado encolheu os ombros e afastou-se. Ela encostou-se ao balcão e escondeu os olhos com a mão. Pelo menos podia sair daqui. Ou talvez devesse ficar. Os nothos não tentariam nada num local tão público, pois não?

Sufocou uma risada amarga na garganta. Sabia que não era assim. Os cães do inferno podiam matá-la com uma mera passagem, sem um único som, sem luta, sem que ela se apercebesse sequer do que tinha acontecido antes de a dor inflamar todos os nervos do seu corpo ou o coração deixar de bater. Nunca vira nenhuma destas criaturas horríveis, mas não precisava de as ver para compreender aquilo de que eram capazes.

Eles podiam caminhar entre esta multidão sem serem detetados, escondidos pela aliança que protegia os humanos dos alternaturais — os vampiros, os varcolai, os fae e os outros que com eles coexistiam. Apenas ela os veria a aproximarem-se.

A certeza da sua própria morte ecoou-lhe na medula. Afastou esse pensamento e levantou a cabeça, estudando a multidão, inalando o aroma humano e seco em busca do fedor distintivo a enxofre. Já aqui estariam? Tê-la-iam seguido até aqui, assim tão depressa? Não podia voltar para casa da tia se a tivessem encontrado. Não podia correr o risco de levar esse perigo à única família que lhe restava. Maris já não era a jovem forte que fora em tempos.

O seu olhar saltou de rosto em rosto. Tantas faces empoadas e lábios vermelhos como sangue. Bocas cheias de presas falsas. Cabelos cuidadosamente moldados em bicos na testa. E tudo para tentarem... o quê? Replicar os seres que lhes sugariam o sangue e a vida dos corpos mortais antes que conseguissem pronunciar uma única palavra de adulação? Pobres idiotas iludidos. Tinha pena deles, na verdade. Veneravam a sua própria morte, iludidos por pensarem que a beleza e a perfeição estavam à distância de uma dentada. Ela nunca pensaria tal coisa. Nunca se deixaria apanhar pelo feitiço dessas mentiras manufaturadas. Por mais longa ou curta que a sua nova vida fosse.

Sabia demasiado.

.....

Malkolm odiava a discoteca Punção com todas as fibras imortais do seu ser. Se não fosse a sede de sangue que lhe dominava o cérebro — e que deixava num frenesim as vozes omnipresentes — estaria em casa, a bebericar o uísque de malte que já mal podia pagar, talvez a ouvir Fauré ou Tchaikovsky enquanto procurava nos seus livros uma forma de esvaziar a cabeça de todos os pensamentos exceto os seus.

Maldito fosse Jonas por ter desaparecido sem lhe deixar outra fonte de confiança. Malk estalou os dedos e pensou na tarefa que daria àquele idiota quando voltasse a aparecer. Afinal de contas, o supermercado local não estava propriamente abastecido de garrafas de sangue humano fresco e limpo. Infelizmente.

O aroma quente e delicioso daquilo por que ansiava atingiu-o com força quando afastou as cortinas de veludo pesadas que isolavam a secção VIP. Aqui, o seu rosto verdadeiro, o rosto do monstro em que se transformara, fazia dele o melhor dos fingidores e dava-lhe acesso a qualquer área da discoteca que desejasse. Era irónico, tendo em conta que, se mostrasse o verdadeiro rosto em qualquer outro lugar, seria provavelmente fechado num manicómio. Estremeceu e inalou sem pensar. O seu corpo ficou tenso com o aroma sedutor de vida, vibrante e madura. As vozes enlouqueceram, explodindo dentro da sua cabeça. Um sem-número de corações a bater encheu-lhe os ouvidos, as pulsações à sua volta chamaram-no como canções de sereias. *Morde-me, bebe-me, engole-me inteiro.*

Maldito Sweets.

Uma ruiva delicada, com uma cruz incrustada de joias entre os seios, parou mesmo à frente dele. Como se um vampiro verdadeiro alguma vez conseguisse tolerar o toque daquele símbolo sagrado. Miúda estúpida. Por outro lado, como é que ela havia de saber as origens das criaturas que desejava que fossem reais? Ela mirou-o da cabeça aos pés e passou a língua sobre os dentes pontiagudos falsos.

— És novo aqui? Adoro o teu visual. Isso são lentes de contacto? Nunca tinha visto lentes metálicas como essas. Diferente, mas muito atraente.

Estendeu a mão para tocar na cicatriz dura no seu rosto e ele recuou bruscamente, mostrando os dentes e rosnando baixinho. *Come-a*. Ela franziu a testa.

— Calma, meu. — Com um beicinho, afastou-se, murmurando entre dentes: — Tarado.

Tudo bem. Ela que pensasse o que quisesse. O toque de um humano podia fazê-lo perder definitivamente o controle. Não, tranquilizou-se a si próprio, isso não aconteceria. *Sim*. Ele não o permitiria. *Faz*. Não chegaria tão longe. *Vai*. Porém, para dizer a verdade, mantinha o equilíbrio por um fio. *Cai*. Precisava de se alimentar. *De matar*. De silenciar as vozes.

Com esse pensamento, abriu caminho até ao bar, revoltado por as coisas terem chegado a este ponto. Chamou a atenção do empregado e disse, com toda a força da sua persuasão na voz:

— Olá. — Era um dos poucos poderes que ainda não se tinham extinguido. Bons genes de família.

O empregado virou a cabeça na direção de Malk com os olhos ligeiramente vidrados. Malk acalmou-se um pouco. Os humanos eram tão sugestionáveis.

— O que vai ser?

— Dê-me um Vlad. — Por dentro, morreu um pouco. Metaforicamente falando. A ideia de fazer isto aqui, à vista de toda uma audiência de humanos, deixava-o doente. Mas não tão doente como ficaria se não o fizesse. Era uma sorte que os humanos quisessem imitar a sua espécie até onde podiam.

— Um *shot*?

— Um grande.

O empregado do bar ergueu as sobrancelhas.

— Está a tentar engatar alguém, hã? Um copo grande deve mantê-lo ocupado a noite toda. Estas miúdas ficam todas molhadas com essas merdas. Não que alguém consiga beber tanto sem o vomitar depois. — Hesitou. — Se tiver de vomitar, vá à casa de banho, ouviu?

— Não vai acontecer.

— Sim, sim. — O empregado abriu um pequeno frigorífico preto e tirou um saco de plástico cheio de líquido vermelho.

Malk engoliu a saliva que lhe encheu a boca, sem conseguir tirar os olhos do saco, apesar de preferir o seu alimento à temperatura do corpo e não fresco. Algumas das vozes choraram baixinho.

— É humano, certo? E fresco?

O empregado riu-se.

— Vai mudar de ideias?

— Não. Estou só a certificar-me.

— Sim, é fresco e é humano. É por isso que custa duzentos e cinquenta dólares. — Espremeu o líquido para um copo alto. O sangue deslizou pelas paredes de vidro, espesso e viscoso, emanando um aroma agridoce. Mesmo aqui, na sala VIP, algumas cabeças viraram-se. Várias mulheres e pelo menos um homem irradiaram luxúria pura na direção dele. O cheiro do desejo humano era como o de rosas murchas e, nesse momento, a sala VIP da discoteca Punção cheirava como uma sala funerária. Malk não estava à espera de uma audiência tão atenta, mas a dor nas suas entranhas fê-lo borrifar-se para o que os humanos à sua volta pensariam. Pelo menos esta noite não havia aqui vampiros marginais. Apesar do seu estatuto de anátema proscrito, os vampiros das classes inferiores consideravam-no nobreza. E não estava com disposição para ser adulado. Nunca.

O empregado empurrou o copo na direção dele.

— Aí tem. Vai pagar em dinheiro?

— Ponha na minha conta.

— Não me parece, amigo.

Malk concentrou os seus poderes.

— Já lhe paguei.

O maxilar do homem ficou flácido e as linhas de tensão na sua testa desapareceram.

— Já pagou.

— Humanozinho lindo — murmurou Malk. Pegou no copo e dirigiu-se a uma zona mais vazia, junto do corrimão, onde podia ter alguma privacidade. O ar atrás dele aqueceu. Olhou por cima do ombro. Duas gémeas com cabelo negro e azul, lábios pintados de preto e espartilhos de cabedal iguais estavam à sua espera.

— Olá — disseram, em unísono.